

# O JULGAMENTO DE SÓCRATES

---

Jorge Cernev \*

---

## Resumo

---

A condenação de Sócrates constitui-se em uma afronta ao bom-senso e aos processos jurídicos, pois, em uma civilização como a grega, espanta-nos ter havido uma injustiça que até hoje nos revolta.

## Abstract

---

The condemnation of Socrates consists of an offence to the goodsense and to the legal processes, because, in a civilization like the greek, frighten us to have been an injustice that until now revolt us.

## Introdução

---

Emitir juízos é uma faculdade comum no ser humano. Fazer julgamentos, por sua vez, também já se tornou uma atividade comum na humanidade.

Assim, vivemos constantemente nos deparando com julgamentos, sendo que alguns conseguem tamanha amplitude que passam a ser conhecidos muito além das restritas fronteiras estabelecidas pelo espaço e pelo tempo. Julgamentos políticos, tanto quanto criminais, costumam atrair as atenções dos povos, desviando, de certo modo, sua atenção de problemas mais emergentes, conseguindo associar questões nem sempre condizentes com os momentos em que vivem. Assim, nem sempre os problemas morais aparecem - ou são relegados para posições secundárias - permitindo que os detentores do poder se coloquem em posições mais seguras, livrando-se de possíveis questionamentos.

A história está repleta de julgamentos que ultrapassaram tais fronteiras, conservando, todavia, importantes ensinamentos morais para toda a humanidade. Um exemplo eloqüente, cremos, é o julgamento de Sócrates que, embora ocorrido na era pré-cristã, ainda conserva valiosos ensinamentos para a nossa civilização. Durante seu julgamento, que nos chegou na dupla versão de Platão e Xenofonte, vamos encontrar expostos, sem

---

\* Doutorando em Pensamento Luso-Brasileiro. Docente de História e pesquisador do CEFIL.

qualquer outro objetivo senão o testemunho da verdade, pontos essenciais do pensamento de Sócrates e da moral de sua época. Deve-se ressaltar, entretanto, que as atas do julgamento nos chegaram incompletas, sendo significativo o fato de que na tradição tenha-se conservado a defesa de Sócrates, pronunciada em dois discursos (em resposta à acusação e depois da votação que o condenou).

## A GRÉCIA DE SÓCRATES

Atenas, a cidade de SÓCRATES, localizava-se na península da Ática, ao longo do Mar Egeu. Desde cedo a sua população foi organizada em três classes: os “eupátridas” (ou filhos de pai famoso, isto é, os nobres), os “geômeras” (ou cultivadores do campo) e os “demiurgos” (ou seja, os artífices).

Os nobres dominaram o governo e geriram o tribunal supremo, chamado “Areópago”, assim chamado por estar situado sobre a colina de Arés (divindade da guerra, correspondente a Marte dos romanos). Por volta de 683 a.C. aboliram a monarquia e substituíram-na por um colegiado de nove “Arcontes” (ou chefes) eleitos primeiro vitaliciamente, depois por dez anos e, finalmente, por um ano apenas.

Ainda no século VII a.C., foi estabelecida a legislação de Drácon, excessivamente rígida, a qual foi depois reformada por Sólon (594 a.C.). Sólon, poeta e filósofo, considerado um dos sete sábios do mundo antigo, implantou a reforma que se constituiu no grande passo para encaminhar Atenas em direção à democracia. Essa democracia chegou com a reforma de Clístenes e foi posta em prática nos dias de Péricles, no século V a.C., o mesmo em que viveu Sócrates.

A reforma de Sólon (não somente filósofo e poeta, mas também original economista) dividiu a população em quatro classes, não mais com base no nascimento, mas no patrimônio. A classe dos grandes proprietários ou “pentacosímedimos” (na qual se encontrava a maioria dos antigos

eupátridas); a classe dos “hipos” (ou cavaleiros, pois na guerra lutavam a cavalo), constituída em sua maioria por comerciantes e empresários; a classe dos “zeugatos” que eram os pequenos proprietários urbanos, os pequenos mercadores, os empregados da administração pública. Finalmente a classe dos “tetos” (pequenos artesãos, operários, serventes, carregadores, guardas, carcereiros, etc. Sócrates era um “zeugita”, isto é, pertencia à terceira classe, a dos que na guerra lutavam a pé.

Só os cidadãos das três primeiras classes podiam ocupar cargos públicos. Os “tetos” não tinham nem encargos nem honras. Os escravos não eram contados na população.

Com a reforma de Clístenes, a população foi dividida em dez tribos, participando da vida pública os cidadãos livres, com mais de trinta anos. Quinhentos cidadãos formavam a “Bulé” (ou razão). Anualmente eram sorteados 50 cidadãos de cada tribo. Essa assembléia teve os seus poderes aumentados, arrogando-se o direito de julgar os processos vulgares, nascendo assim a Elieia. Foi perante esse tribunal que Sócrates foi acusado.

## OS SOFISTAS

Cabe aqui dizer alguma coisa sobre a vida cultural grega durante a época de Sócrates. A primitiva cultura fora confiada quase que exclusivamente à poesia. Os poemas de Homero e depois de Hesíodo constituíam uma espécie de grande síntese cultural, empregados na educação e no entretenimento. A *Ilíada*, a *Odisséia*, *Os Trabalhos e os Dias*, exprimiam a vida, os ideais e os deveres da civilização inteira.

Nos fins do século VII a.C. inicia-se, primeiramente na Costa Jônia e depois na Magna Grécia, o processo de pesquisa racional dos fenômenos culturais. Surgem, então, os primeiros filósofos, os naturalistas. Mais tarde, devido às lutas contra os persas e, principalmente, pelas reformas democráticas em Atenas, surge um novo movimento cultural. Os Sofistas (sofista significa

“sabedor”) são os precursores dos “professores”, ou melhor, dos intelectuais “profissionais” do Ocidente. Não fundam escolas nem se estabelecem em lugares determinados, para ali congregarem os seus discípulos. Pelo contrário, são itinerantes, viajam por todos os lugares, hospedando-se nas casas dos ricos e cobrando pelos seus discursos ou preleções. Deixando o naturalismo, concentraram toda a sua atenção sobre os problemas político-sociais do homem. Foi uma revolução antropológica da cultura. E essa nova maneira de ver e de interpretar os fatos tornava-se incômoda às autoridades. Por exemplo: as leis, diziam eles, não são divinas. São feitas pelos homens e justamente porque são os homens que as fazem, não há razão para que devam permanecer imutáveis; podem e devem mudar com o mudar das circunstâncias e das necessidades. Em geral, pois, a verdade absoluta não existe: nada é verdadeiro ou falso em absoluto, pois que tudo depende da opinião humana; verdadeiro é aquilo que parece verdadeiro à maioria; são os nossos sentimentos que definem o verdadeiro e o distinguem do falso.

Compreende-se que fossem mal vistos pelas autoridades. O seu contínuo viajar não era motivado apenas pelo desejo de cada vez maiores lucros, mas também pela impossibilidade de passar muito tempo numa cidade sem provocar escândalos, acusações e condenações por “impiedade”.

Muitas vezes os sofistas eram seguidos por jovens, ou para continuar a ouvi-los, ou desejosos de eles mesmos se tornarem sofistas. O fenômeno degenerou e muitos pais desprevenidos confiaram os filhos a charlatães viciosos que envileceram a grande arte da retórica. Temos aí a mudança do sentido da palavra sofista que passa aos nossos dias significando “enganador”. Daí também as acusações a muitos deles, não de todo injustificadas, de corromper os jovens, destruir os costumes morais e as sãs tradições. E também as acusações de “impiedade”, isto é, a de não serem

nas divindades.

## OS INIMIGOS DE SÓCRATES

Passemos a traçar um rápido perfil dos acusadores de Sócrates.

Após a Guerra do Peloponeso (envolvendo Atenas e Esparta) e do Governo dos Trinta Tiranos, Atenas restaurada implanta um governo de grande austeridade. Para possibilitar a pacificação, foi dada ampla anistia (só ficando excluídos dela os Trinta Tiranos), não se aceitando inclusive nos tribunais quaisquer questões sobre acontecimentos anteriores. Há necessidade premente da reconstrução, especialmente na esfera dos costumes, das velhas tradições, combatendo toda e qualquer novidade no plano das idéias.

Não se sabe por que teria Sócrates incorrido na ira de alguns de seus concidadãos, especialmente de Ânito, um dos heróis da restauração ateniense.

Ânito era um comerciante. Fora prejudicado durante o governo dos Trinta Tiranos, obrigado a partir para o exílio e seus bens foram confiscados, ou apropriados por um parente seu. Voltou com Trasíbulo e ajudou-o no desmantelamento do governo citado, imposto por Esparta, a cidade inimiga e opressora de Atenas. Aceitando a lei, nada exigiu quanto aos bens anteriores.

Teria sido humilhado por Sócrates, tempos atrás numa discussão pública? Não se sabe ao certo. Como já foi dito no início, a tradição não conservou os termos da acusação. A versão mais aceita é que Antemião, um dos filhos de Ânito, mesmo contra a vontade e proibição do pai, o estivesse seguindo, ou pelo menos, absorvendo os ensinamentos de Sócrates. Essa desobediência seria interpretada como uma quebra dos bons costumes. E daí descarregar em Sócrates a revolta pela desobediência do filho.

Os outros acusadores (industriados por Ânito) eram o poeta Mítilo e o oportunista Lícon, um orador de escassa fama.

Embora o principal responsável pelo processo seja Ânito, publicamente quem aparece como tal é Mílitto. É ele o acusador, ficando Lícon e Ânito como suas testemunhas. Interessante que, além deles, não foi apresentada nenhuma outra testemunha, tanto da acusação, como da defesa.

## A ACUSAÇÃO

O texto foi um dos poucos conservados. Obtido o silêncio no tribunal, o Arconte-rei leu em voz alta e em tom solene a seguinte acusação: “Esta é a acusação feita sob juramento por Mílitto, filho de Mílitto, do demo de Pittos, contra Sócrates, filho de Sofronisco, do demo de Alopech: Mílitto acusa Sócrates de não acreditar nos deuses em que a cidade crê e de introduzir novas divindades demoníacas; acusa-o também de corromper os jovens. Pena pedida: a morte”.

A culpa imputada por Mílitto a Sócrates é a da “impiedade”, ou “asébia”, na qual se origina a segunda culpa presumível: corrupção dos jovens. Processos por impiedade já houvera muitos outros em Atenas. Alguns bastante famosos. Dois grandes filósofos estrangeiros, amigos de Péricles, também foram acusados de impiedade: Anaxágoras de Clazômena e Protágoras de Ábdera. O primeiro havia negado que os astros fossem divinos, afirmando que eram um amontoado de terra e de pedras; o segundo defendera a tese de que a existência dos deuses não era de forma alguma certa e que, além disso, não havia razão nenhuma para que os homens se preocupassem com problemas desse gênero. Ambos evitaram o processo com a fuga. Também o grande escultor Fídias (mais por ser amigo e protegido de Péricles) foi acusado de impiedade, por ter inserido a sua própria efígie ao esculpir o friso sagrado do Pártenon. Para escapar, viu-se obrigado a partir para o exílio.

Confirmada a acusação por Mílitto, de viva voz, foram chamados também Lícon e Ânito que deram o seu testemunho.

Este julgamento se realizou nas cercanias de Atenas, local onde se reunia a Eclésia (assembléia), desde que a Ágora (praça do mercado) não era mais suficiente para comportar as multidões que acorriam para assistir aos debates ou apresentações artísticas ou literárias. Era um anfiteatro natural, esculpido na encosta de um monte. O tribunal (elieia) era formado pelo Arconte-Rei, que o presidia, e os aliatas ou dicastas, que eram os juizes populares, em número de 500. Os julgamentos deveriam iniciar-se e terminarem no mesmo dia. Esses julgamentos atraíam grande número de curiosos, pois ainda nos tempos do Apóstolo S. Paulo tal ocorria. Eis o que S. Lucas observou por ocasião da primeira visita de S. Paulo a Atenas: “Ora, todos os atenienses, como os estrangeiros que ali residem, de nenhuma outra coisa se ocupam senão de contar ou ouvir a última novidade”(Atos dos Apóstolos 17:21).

## SUA DEFESA

Chamado a se defender, Sócrates começa a falar no mesmo tom das suas conversas nas ruas de Atenas. Agora ele está perante a Elieia, num vastíssimo anfiteatro ao ar livre, onde conseguiam se acomodar 25.000 pessoas. Seria de supor que tivesse preparado um discurso em sua defesa. Era comum nessa época, tanto os acusadores como os réus, encomendarem discursos aos especialistas nessa arte, os chamados “lológrafos”(ou escritores de discursos). Esses discursos eram decorados, pois não se admitia a sua leitura no tribunal. Um dos maiores lológrafos teria sido Górgias.

Sócrates começou a falar: “Que impressão - diz ele - causaram nos vossos ânimos os meus acusadores, atenienses, é coisa que não sei; quanto a mim, que devo dizer-vos? Falaram com tanta eficácia que pouco faltou para que eu próprio me não reconhecesse a mim mesmo”.

Sócrates fala num tom completamente desconhecido no tribunal. Ao invés de discurso, é quase como se fosse uma conversa familiar. Aliás,

ele não se envergonha de tornar pública a sua ignorância a respeito das praxes do tribunal quando afirma: “para ser franco a minha situação é esta: pela primeira vez, aos setenta anos, me encontro num tribunal. Por isso a maneira de falar apropriada para o tribunal me é completamente desconhecida”.

Em sua defesa, Sócrates separa as duas acusações. Primeiro trata da parte referente à impiedade. Ao invés de simplesmente se defender, começa a evocar fatos passados, como a proclamar a sua “missão”. Acredita que é necessário defender-se primeiro das acusações mais antigas (e muitas houvera), para só depois se defender da atual acusação, de “Anito e os seus companheiros”. Apresenta uma das antigas acusações: “Anda por aí um certo Sócrates, grande sabichão, que se dedica ao estudo dos meteoros, que indaga os mistérios do subsolo e que ainda por cima ensina como fazer prevalecer as razões mais débeis sobre as mais fortes”. Semelhante homem não podia evidentemente acreditar nos deuses. Parece que Sócrates assume para si a acusação que fora formulada contra Anaxágoras.

Ao que parece, Sócrates fora muitas vezes ridicularizado pelos comediógrafos. Era alvo fácil para a ironia, referência certa para a hilaridade da multidão que o via todos os dias andar pelas praças, pelo mercado, pelas piscinas, sempre cercado de muita gente, sobretudo jovens. Assim, muitos argumentos dos sofistas foram atribuídos a Sócrates. É disso que ele se defende.

Quanto a não crer nas divindades, interroga Mílito, segundo seu próprio método dialético, levando-o a reconhecer que ele, Sócrates, crê nos demônios. Como os demônios são filhos de deuses, logo, ele acredita nas divindades.

Evoca também o problema do conhecimento. Com grande simplicidade, põe-se a falar da sua “missão”, da finalidade de toda a sua vida. Fala da sua sabedoria e apela para o testemunho de Apolo, o deus de Delfos: “Vós conheciéis sem dúvida Xenofonte (...) Uma vez dirigiu-se a Delfos e teve

a coragem de fazer ao oráculo uma pergunta que agora vos direi (...). Perguntou pois se havia alguém mais sábio do que eu. A sacerdotiza, Píisia, respondeu que ninguém me vencia em sabedoria”.

Cessado o tumulto que tais palavras causaram na multidão, Sócrates, Mais adiante, indaga: “Que quer dizer o deus? Qual é o sentido oculto das suas palavras? Porque eu bem sei que não sou, de maneira nenhuma, sábio; e então que significa dizer que eu sou o mais sábio de todos? Deve querer dizer alguma coisa, desde o momento que o deus não pode, está claro, dizer uma mentira”. Conta, ainda, que, depois de passar muito tempo tentando obter uma explicação, foi falar com um homem que tinha a fama de ser muito sábio (não quis dizer o seu nome, bastando citar que era um político). Conta que o homem tinha um ar de sábio e estava convencido de que era sapientíssimo. Mas na realidade, de sábio não tinha nada: “Uma vez deixada a casa dele, pensei: sem dúvida eu sei mais do que este homem; pode ser, na verdade que nem eu nem ele sabemos alguma coisa que valha a pena, mas enquanto ele julga saber tantas coisas que não sabe, eu pelo menos, embora não sabendo nada como ele, não julgo saber aquilo que não sei”.

Depois de ter ido à casa de outros sábios, a mesma decepção. Políticos, poetas, tragediógrafos, artesãos, todos inquiridos, por saberem alguma coisa do seu ofício, consideravam-se capazes de saber tudo e de poder julgar com competência sobre todas as coisas. Infere que: “o resultado foi sempre que justamente os que tinham fama de ser mais sábios, eram os que menos sabiam, e chegavam a ser por vezes os menos respeitados aqueles que ainda sabiam qualquer coisa (...). Mas eu, atenienses, penso que o único sábio é o deus e que ele quis avisar-nos com aquela resposta de que a sabedoria humana não vale nada, ou muito pouco (...). Homens, estai atentos que o sábio entre vós é justamente aquele que reconhece não saber nada, como por exemplo Sócrates, o mais ignorante de todos”.

Sem separar as questões, Sócrates passa a

tratar da segunda acusação. Relata que muitos jovens das famílias ricas, tendo mais possibilidades que os outros, tomaram por hábito segui-lo. Vendo-o disputar com os homens, muitos se põem a imitá-lo, muitas vezes ofendendo àqueles a quem examinam. E alguns destes, os que foram postos à prova, em vez de se enfurecerem contra eles, irritam-se com Sócrates e dizem que é ele um patife que mete certas idéias na cabeça dos jovens e os corrompe.

Voltando aos comediógrafos, cita Aristófanes que fez de Sócrates personagem de sua comédia "As Nuvens". Nessa peça um camponês, crivado de dívidas, manda seu filho para ser educado por Sócrates. O filho retorna orgulhoso e insolente para com o seu pai. Eis uma cena da comédia:

"Estrepsíades - Ai! Ai! Menandro! Que fazes?

Filho - Então não vês, meu pai, que te estou a bater?

Estrepsíades - E como ousas, canalha, bater no teu pai?

Filho - E tu não me batias quando eu era pequeno e não me podia defender?

Estrepsíades - Mas eu batia-te para o teu bem!

Filho - Se me batias para o meu bem, não te parece justo que eu agora que posso, me apresse a retribuir-te o bem que me fizeste?"

Noutra cena Estrepsíades ouve o filho declarar que os deuses são crenças e superstições de velhinhas ignorantes.

Sócrates considera que, por ter vivido de um modo diferente dos outros é que teria atraído a atenção sobre si. Caem agora sobre ele acusações de corruptor da juventude. Nega essa calúnia e declara não ser possuído da sabedoria que lhe é atribuída e que nunca se servira dela para fazer comércio.

No tribunal, ao invés de se defender, ensina. Sócrates, o réu, ensina aos juizes como se deve julgar segundo a justiça e recorda, ou melhor,

recomenda-lhes que não façam exceções, menos ainda a seu favor. Dessa forma foram os outros, todos aqueles que estavam ali para o acusar e para o julgar que se tornaram réus.

## O JULGAMENTO

Depois que Sócrates terminou de falar, os dicastas começaram a votar. Um a um foram depositar na urna do Arconte a sua bolinha branca (absolvição) ou preta (condenação). Vendo o réu e seus acusadores, mais parecia a cena representada na presença de Pilatos: de um lado Cristo e do outro Barrabás, o militante político.

Terminada a votação começa a contagem, com o Arconte sendo ajudado por dois dicastas. Ao final, eis o resultado: culpado, 281 votos; inocente, 220 votos. O único silencioso e calmo em toda aquela multidão é Sócrates. Dispensou o convite do Arconte para conferir pessoalmente o resultado da votação. Foi-lhe dada novamente a palavra. Isto porque os juizes deveriam escolher entre duas penas: a do acusador, a qual já estava escrita no documento de acusação e aquela que o réu se auto atribuísse.

Neste seu segundo discurso não demonstra maior objetividade do que no primeiro. Não se lamenta, não acusa. Parece que quer ensinar, resignado a seu destino.

Não pede a pena de exílio, porque seria o reconhecimento da culpa. Se seus próprios concidadãos o acusam, argumenta, o que não aconteceria em terras estrangeiras? Prisão perpétua? Mas ele já está velho. Não sabe se a morte é um bem ou um mal. Sabe que a prisão é um mal. Então, por que optar pelo mal?

Propor uma multa e permanecer na prisão até pagá-la? Mas como a pagaria? Ele não tem posses, todos sabem disso. A única quantia que poderia dispor seria uma moeda de prata. Aceitariam essa multa?

Fala ainda de sua vida, sua conduta, o respeito às leis de sua cidade. E se sempre se

constituíra num cidadão exemplar então deveria merecer um prêmio. Que prêmio? Nada mais justo do que ser mantido pelo erário público no Pritaneu (onde eram mantidos os vencedores dos jogos olímpicos).

Grande tumulto. Alguns amigos, entre eles Platão e Críton, tentam falar e se aproximar dele. Conseguem chamar a sua atenção e fazem-lhe sinais. Sócrates compreende, sorri, e faz um sinal afirmativo com a cabeça. Levanta um braço e recomeça a falar: “Atenienses, atenienses - o Arconte impõe de novo o silêncio - Atenienses, Platão que vedes aqui (aponta-o entre o público), Críton, Cristóbulo e Apolodoro, querem que eu me imponha uma multa de trinta minas e oferecem-se como garantia. Condeno-me, pois, a uma multa de trinta minas e eles vos darão segura garantia”.

Nova votação. Muitos dos dicastas estão contrariados, ofendidos com o seu procedimento, considerado como falta de respeito. Sai o resultado: a favor da pena de morte, 361 votos; contra, 140.

Sócrates permanece impassível. Quem sofreu durante todo o julgamento foram os seus amigos.

## A EXECUÇÃO

Condenado à morte, os guardas o levaram para o demostério, a prisão de Atenas. Uma circunstância casual retardou por quase um mês a execução de Sócrates. Estavam a realizar-se as festas Délias, em memória de um antigo feito lendário, ligado à libertação de Atenas do jugo de Creta. Recordando o feito de Teseu que matou o Minotauro, os atenienses equipavam um navio (a nave dos sacrifícios) que ia até Delos (ilha situada na parte central do mar Egeu). A lei estabelecia que até o regresso da nave sagrada se suspendessem as execuções capitais. Por isso Sócrates esperou cerca de um mês.

Durante o tempo em que permaneceu na prisão era visitado pelos amigos. Críton, Ésquines, Platão, Antístenes, Fédon, Aplodoro, são alguns

dos mais fiéis discípulos. Também sua esposa Fenáreta e seus três filhos o visitavam.

A noite que antecedeu a execução, passou-a Sócrates de vigília com a mulher e o filho mais novo. No último dia, os seus amigos ficaram pasmados com o seu desprendimento. Apenas Platão não apareceu, porque estava doente, de cama, e não podia sair.

Alguns amigos tentaram patrocinar a sua fuga, o que não seria uma coisa incomum. Críton chegou a subornar os guardas. Havia também providenciado para que fosse acolhido na Tessália. De nada adiantou. Sócrates se negou a pôr em risco a vida de seus amigos e não queria também dar mau exemplo aos seus filhos. Morrendo para obedecer as leis era o melhor exemplo que podia deixar à juventude.

No dia marcado para a execução tratou de tomar um banho, para não dar trabalho depois às mulheres. Despediu-se de todos. Confiou sua família ao fiel Críton.

Ao por do sol, com a chegada do carrasco, este lhe disse: “não te encolerizes contra mim como fazem todos quando lhes anuncio que chegou a hora; eu não tenho culpa do teu destino e limito-me a cumprir as ordens”.

Sócrates tranqüilizou-o com doçura e o homenzarrão rude ficou muito comovido, passando a repetir a toda a gente que nunca, em tantos anos, encontrara um prisioneiro tão gentil e paciente, de tal maneira que no fim Sócrates teve também de o consolar para que fizesse, como dissera, o seu dever. Pouco depois chegou um servo do Tribunal trazendo a taça de cicuta. Sócrates perguntou o que devia fazer. Depois de instruído, tomou a taça e de um trago só bebeu o veneno. Continuou caminhando e quando sentiu que as pernas lhe pesavam, deitou-se. Suas últimas palavras foram: “Críton, recorda-te que devemos um galo a Esculápio. Dá-lhe, não te esqueças” Esta última oferenda foi porque o deus da medicina lhe propiciara uma morte suave e indolor.

Os amigos choraram. Fédon testemunhou da

seguinte forma: “A maioria de nós tinha até então conseguido sustentar as lágrimas, mas quando vimos que tinha bebido, não resistimos mais, e até a mim, apesar de todos os esforços, me saltaram as lágrimas, cobri a cabeça com a extremidade da túnica e chorei-me, a mim mesmo, não a ele, chorei a desventura de perder um tal amigo”.

## CONCLUSÃO

Sócrates, durante toda a sua existência, quis manter-se afastado da política ativa, tanto para não cometer injustiças, como para não perder a vida prematuramente. Ironicamente, viu-se implicado num processo que, por detrás de aparências ingênuas era eminentemente político. Fez à sua custa a experiência daquele dito que afirma que tudo neste mundo é política, quer queiramos quer não. Platão citou que certa vez Sócrates teria afirmado que o verdadeiro político era ele mesmo e não Péricles, ou Alcebiades, ou Címon, visto que se ocupava das almas dos cidadãos, isto é, o seu verdadeiro bem. No fundo não se trata senão de duas maneiras diferentes de conceber a política: a maneira do político profissional, empírica e realista, e a do filósofo, idealista e racional. Maquiavel pertence à primeira; Sócrates, Platão, Thomas Morus à segunda. Para o político profissional, os fins justificam os meios. O filósofo, pelo contrário, quer transformar os homens e criar a sua realidade partindo de dentro; para ele, os meios e os fins devem integrar-se e não encontrar-se em contradição recíproca. Está claro que, geralmente, o primeiro prevalece sobre o segundo, porque o tempo em que se desenvolve a sua ação é o presente, enquanto o tempo do filósofo é o futuro, que ele não chega a ver, ainda que um dia se realize.

Os acusadores de Sócrates foram esquecidos pelo mundo. Se hoje seus nomes são lembrados, isto se deve unicamente por causa do julgamento de sua vítima. Que deixaram eles para a

humanidade?

Quanto a Sócrates, embora não tenha deixado nada escrito, seus ensinamentos são conhecidos e continuam sendo estudados 25 séculos depois.

## Bibliografia

1. GOLDSCHMIDT, Victor. **A religião de Platão**. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1970.
2. MASSARA, Franco. “Sócrates”, in: **Os grandes julgamentos da história**. Rio de Janeiro : Otto Pierre Editores, 1978.
3. MONDOLFO, Rodolfo. **O pensamento antigo**. São Paulo : Mestre Jou, 1966.
4. PADOVANI, Humberto et CASTANHOLA, Luís. **História da filosofia**. São Paulo : Melhoramentos, 1962.
5. PLATÃO. **Diálogos**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém : UFPa, 1980.
6. ROBIN, Léon. **La pensée grecque**. Paris : Albin Michel, 1963.
7. SAUVAGE, Micheline. **Sócrates y la conciencia del hombre**. Madrid : Aguilar, 1958.
8. SCIACCA, Michele Federico. **História da filosofia**. São Paulo : Mestre Jou, 1959. v.I.
9. VIVES, D. Jaime Vicem. **Mil lecciones de la historia**. Barcelona : Gallach, 1951. v.I.